

## **O conceito de subjetividade na teoria de Rogers e suas implicações para a pesquisa**

Profa. Dra. Vera Lucia Pereira Alves

Recentemente, convidada para proferir uma palestra, cujo tema da mesa-redonda era “a subjetividade nas abordagens humanistas”, deparei-me com o fato de que, em toda a teoria de Rogers, não há sequer um momento em que ele faça uso do conceito. Obviamente, trata-se de um termo não vigente à época em que redigiu sua teoria. Contudo também seus seguidores, em tempos atuais<sup>1</sup>, não fazem uso do mesmo. Encontrei apenas um único autor que faz menção ao tema e se explica por que não o utiliza. Amatuzzi (2006), referindo-se às pesquisas sobre subjetividade declara que:

“embora eu acredite que minhas pesquisas e de meus alunos possam ser colocadas sob o rótulo de pesquisa da subjetividade, como tendência ao menos, eu pessoalmente não tenho feito uso dessa expressão para designar o que faço e nem tampouco sinto necessidade dela. Pesquisa do vivido, pesquisa fenomenológica de tendência dialética, envolvimento pessoal na pesquisa têm sido designações para mim suficientes”.

Ao acompanhar o raciocínio de Amatuzzi, posso pensar em subjetividade como autoconsciência e resgatar, assim, na teoria de Rogers, o seu desenvolvimento e pensá-la como o conceito de subjetividade em sua teoria. No entanto é por não ter muito claro tratar-se de uma analogia possível que trago o assunto para este Fórum, a fim de debatê-lo.

A meu ver, o conceito de autoconsciência, em Rogers, encontra-se em sua pequena teoria do desenvolvimento e da personalidade em que

---

<sup>1</sup> Não fiz uma pesquisa específica acerca do assunto, portanto a referência é fruto de minhas constatações, a partir da leitura que faço de material recente, principalmente nacional.

## O conceito de subjetividade na teoria de Rogers e suas implicações para a pesquisa.

Profa. Dra. Vera Lucia Pereira Alves

discorre também sobre a formação do *self*. O *self* como referido por ele é a "a consciência de ser, de funcionar" (Rogers, 1992, p.566). Ou mais precisamente:

"A estrutura do *self* é uma configuração organizada de percepções do *self* admissíveis à consciência. É composta de elementos como as percepções das próprias características e habilidades; os objetos da percepção e os conceitos do *self* em relação aos outros e ao ambiente; as qualidades de valor percebidas como associadas a experiências e objetos; e as metas e ideais percebidos como tendo valor positivo ou negativo. Trata-se, portanto, do quadro organizado – existindo na consciência como figura ou plano de fundo – do *self* e do *self* em relacionamento, juntamente com os valores positivos ou negativos associados a essas qualidades e relações, da forma como são percebidas como existindo no passado, presente ou futuro" (Rogers, 1992, p.570).

É na teorização sobre a formação deste *self* que penso na possibilidade de conceber a constituição da subjetividade nesta teoria e na qual encontro pontos para negar a crítica de que se trata de uma teoria que fomenta o solipsismo. (Solipsismo entendido, como em Houaiss, na rubrica filosófica: "doutrina segundo a qual só existem, efetivamente, o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos), como partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria").

O individuo precisa, considera, interage com os outros e não os toma por meras impressões. Ele, desde pequeno, expressa seu vivido ou comporta-se, como queira, em acordo àquilo que experiencia, que vivencia. Se tiver fome, chora e não pergunta se seu choro incomoda e nem se preocupa com o seu volume. Não tem consciência de seu choro e de suas repercussões naquele ambiente. À medida que cresce, com o contato com outros, vai desenvolvendo a linguagem, vai criando e desenvolvendo a noção de si, a noção de *self*. Passa a saber que está com fome, pois aquelas sensações estranhas e desconfortáveis, que sente em seu corpo,

## O conceito de subjetividade na teoria de Rogers e suas implicações para a pesquisa.

Profa. Dra. Vera Lucia Pereira Alves

foram assim nomeadas. Sem esse outro que lhe nomeou o vivido e com ele se relacionou, ele não formaria a consciência de si.

A relação com esse outro se torna absolutamente importante, o qual, por vezes, colocou-se no lugar do bebê, "descobriu" que ele sentia fome, aceitou-o, apesar do choro estridente e providenciou-lhe alimento. Trata-se de uma relação muito especial e que, segundo Gaylin (2001), é por causa de termos recebido, inicialmente, essa aceitação incondicional que tanto apreciamos e a buscamos pela vida.

Assim, o bebê vai crescendo, vai se socializando e a expressão daquilo que ele vivencia acaba recebendo alguns limites. Um exemplo: ele não mais poderá/deverá usar fraldas e, sim, o banheiro. Se ele continua a ser valorizado e aceito pelo que é e não pelo que faz, se ele, ao não conseguir chegar a tempo ao banheiro, não for desconsiderado em toda sua pessoa e, sim, o seu comportamento é que for limitado e, se for tratado sempre assim (as condições facilitadoras que Rogers dizia deveriam se presentificar em todas as relações), esse indivíduo desenvolverá um *self* congruente àquilo que experiencia. Tornar-se-á uma pessoa com condições de avaliar sua própria vivência e a possibilidade de sua expressão, levando em conta os outros com quem se relaciona. Poderá entender que não é sua pessoa que está em julgamento, mas, sim, um comportamento seu. Haverá, assim, um equacionamento entre aquilo que vivencia, o valor que lhe atribui e o valor dado pelos outros. Não se trata de viver sozinho, de pensar apenas em si. O outro o forma, ele interage com o outro e, por sua vez, considera-o e é também considerado por ele e...

No entanto, se for desconsiderado, em sua pessoa, em sua totalidade e não apenas corrigidos/limitados seus comportamentos, ele desenvolverá um *self* incongruente. Não terá a chance de diferenciar/discriminar aquilo que foi vivenciado por ele e as possibilidades ou impossibilidades de sua expressão. É toda sua pessoa que se coloca em jogo. É quando, por exemplo, ouve de seu cuidador algo como: "não gosto de você, por não usar o banheiro corretamente" ou "você não aprende nunca!". Segundo Rogers, a partir de uma consideração tão condicional, esse indivíduo ficará atento a agir, em acordo ao que percebe que se espera dele e vai se

## O conceito de subjetividade na teoria de Rogers e suas implicações para a pesquisa.

Profa. Dra. Vera Lucia Pereira Alves

afastando cada vez mais de um contato com suas vivências. A cada dia desenvolve sua autoconsciência, seu autoconceito menos congruente com aquilo que vive até chegar, por vezes, a considerar seu autoconceito como sua verdadeira experiência, quando, de fato, não o foi. Deste ponto em diante, passará a atualizar suas experiências, optando ou só lhe restando atualizar (criar/desenvolver) um *self* que esteja em acordo com o que ele percebe esperar-se dele, com aquilo que ele passará a considerar ser o que o fará ser aceito/amado. Estará igualmente crescendo, atualizando-se, porém, em muitos momentos, sem se dar conta de que aquilo que atualiza não é seu vivido. Segurará neste modo de ser, que lhe dará segurança, mesmo que não lhe faça bem. Sua autoimagem será de alguém que se aprimora a cada dia. Em sendo, por exemplo, se visto de fora, absolutamente submisso, estará agindo de forma que mais lhe garanta vida, até que esse modo de ser o incomode de alguma forma e o faça buscar mudanças. Ou continuará agindo assim para sempre, se essa forma, tão natural e saudável para ele não lhe trouxer incômodos.

Deste modo, Rogers está nos dizendo que grande parte do tempo optamos por agir em acordo com nosso autoconceito e não em acordo com o que experienciamos. Como ele mesmo se refere ao *self*, representa o fator regulador e a tendência atualizante o fator dinâmico e ambos determinam o comportamento (Rogers,1977).

O comportamento, a expressão do vivido é assim determinada (nas palavras de Rogers) ou consequência da percepção, da autoconsciência, da subjetividade. Esta é, a meu ver, a teorização que pode ser compreendida como correspondendo ao conceito de subjetividade em Rogers.

Arrisco acrescentar, ainda, a minhas reflexões, a ponderação de que esse é um aspecto que porta a concepção de desenvolvimento humano nesta teoria e que se faz pouco explorado. A partir dele (e porventura, de outros) poderiam se desenvolver estudos sobre a compreensão de diversos fenômenos psicológicos. Poderiam se delinear estudos, pesquisas, ensaios, em que comportamentos e vivências humanas fossem compreendidos à luz dos princípios da teoria de Rogers. Infelizmente, parece-me ser um caminho

## O conceito de subjetividade na teoria de Rogers e suas implicações para a pesquisa.

Profa. Dra. Vera Lucia Pereira Alves

não muito explorado em nossos meios. Muitas são as pesquisas desenvolvidas acerca das aplicações desses princípios. Todavia, elas não têm o objetivo de compreensão dos fenômenos e, sim, de práticas clínicas e suas possibilidades.

Até mesmo grande parte das pesquisas sobre vivências específicas não se atêm a compreendê-las em alinhamento à teoria de desenvolvimento da personalidade de Rogers. Creio que esse seja um aspecto que se une à constatação de que poucas têm sido as pesquisas sobre os meandros teóricos desta abordagem, como se referiu, recentemente, Tassinari (2006). Se os postulados acerca da formação e desenvolvimento da personalidade, elaborados por Rogers, não dão conta de nos ajudar a compreender os fenômenos psicológicos, vividos na atualidade, então precisamos desenvolver outros; se dão conta por que, então, não têm sido explorados?

### REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, Mauro (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, 93-97. Retirado em 21 / 08 / 2007, do World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.htm>
- HOUAISS. Dicionário de Língua Portuguesa. Versão digital em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?>
- ROGERS, C. (1992) *Terapia Centrada no Cliente*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C. & KINGET, G. (1977) *Psicoterapia & Relações Humanas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- GAYLIN, N. (2001). *Family, Self and Psychotherapy: a person-centered perspective*. Ross-on-Wye: PCCS Books.
- TASSINARI, M. (2006). Palestra proferida no I Simpósio Internacional de Pesquisa em Psicoterapia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ocorrido de 21 a 23 de agosto de 2006.